Apostila de Histórias Infantis

instituto
história
viva

Histórias

Menina bonita do laço de fita.....
A Zebrinha preocupada.....
Bom dia todas as cores.....
A promessa do girino.....
Dona Baratinha.....
Cidade dos Resmungos.....
A Zeropéia.....
O Grúfalo.....
Fio de Ouro – Rumpeslstichen.....
O Reino da Alegria.....
O quanto Te Amo.....
O Leão e o Sol.....
A Rainha com rabo de macaco.....
A verdadeira história dos três porquinhos.....
A Galinha Ruiva.....
A Casa Sonolenta.....
Como Nasceu a Alegria.....
A Princesa e a Ervilha.....
A Lenda do João de Barro.....
Maria vai com as Outras.....
O Jabuti e o Leopardo.....
Os Bebês da Tartaruga.....
Briga de Frutas.....
O Príncipe com orelhas de burro.....
O Carnaval do Jabuti.....
A Bela Adormecida.....
Perséfone e a Primavera.....
A Ilha dos Sentimentos.....
O Leão e o Ratinho.....
A Princesa e o Sapo.....

MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA
Ana Maria Machado

Era uma vez uma menina linda, linda.
Os olhos pareciam duas azeitonas pretas, brilhantes, os cabelos enroladinhos e bem negros.
A pele era escura e lustrosa, que nem o pelo da pantera negra na chuva.
Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laços de fitas coloridas. Ela ficava parecendo uma princesa das terras da África, ou uma fada do Reino do Luar.
E, havia um coelho bem branquinho, com os olhos vermelhos e focinho nervoso sempre tremelicando. O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto na vida.
E pensava:
- Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela...
Por isso, um dia ele foi até a casa da menina e perguntou:
- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo para ser tão pretinha?
A menina não sabia, mas inventou:
- Ah deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina...
O coelho saiu dali, procurou uma lata de tinta preta e tomou um banho nela. Ficou bem negro, todo contente. Mas aí veio uma chuva e lavou todo aquele pretume, ele ficou branco outra vez.
Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:
- Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha?
A menina não sabia, mas inventou:
- Ah, deve ser porque eu tomei muito café quando era pequenina.
O coelho saiu dali e tomou tanto café que perdeu o sono e passou a noite toda fazendo xixi. Mas não ficou nada preto.
- Menina bonita do laço de fita, qual o teu segredo para ser tão pretinha?
A menina não sabia, mas inventou:
- Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina.
O coelho saiu dali e se empanturrou de jabuticaba até ficar pesadão, sem conseguir sair do lugar. O máximo que conseguiu foi fazer muito cocozinho preto e redondo feito jabuticaba. Mas não ficou nada preto. Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:
- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?
A menina não sabia e...Já ia inventando outra coisa, uma história de feijoada, quando a mãe dela que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse:
- Artes de uma avó preta que ela tinha...
Aí o coelho, que era bobinho, mas nem tanto, viu que a mãe da menina devia estar dizendo mesmo a verdade, porque a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos.

E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina tinha que era procurar uma coelha preta para casar.
Nem precisou procurar muito. Logo encontrou uma coelhinha escura como a noite, que achava que aquele coelho branco uma graça.
Foram namorando, casando e tiveram uma ninhada de filhotes, que coelho quando desanda a ter filhote não para mais! Tinha coelhos de todas as cores: branco. Branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha. Já se sabe, afilhada da tal menina bonita que morava na casa ao lado.
E quando a coelhinha saía de laço colorido no pescoço sempre encontrava alguém que perguntava:
- Coelha bonita do laço de fita, qual é teu segredo para ser tão pretinha?
E ela respondia:
- Conselhos da mãe da minha madrinha...

A Zebrinha Preocupada
Lúcia Reis

Era uma vez uma Zebrinha listrada que vivia muito preocupada em uma savana africana.
Como todas as outras zebras que viviam por lá, esta Zebrinha também tinha listras pretas e listras brancas que pareciam um belo pijama.
Se não fosse por um pequeno detalhe, a Zebrinha não teria nenhum problema: suas listras eram deitadas.
A Zebrinha ficava muito chateada. Por onde passava todo mundo comentava:
- Lá vai ela, a Zebra de listras deitadas!
A Zebrinha ficava tão triste que chorava.
Até que um dia, a Zebrinha, no meio de um passeio, conheceu uma Girafa muito estranha.
Como todas as outras girafas que viviam por lá, esta também era amarela com pintas marrons.
Se não fosse um pequeno detalhe, a Girafa não seria estranha: suas pintas eram quadradas.
Conversa vai, conversa vem, e a Zebrinha disse para a amiga nova o que a incomodava:
- São todas estas listras deitadas!!!
- Tremenda besteira! Tremenda bobagem! – respondeu a Girafa. – Eu gosto muito de ser quadriculada!
- Ora bolas! Quer saber de uma coisa? Cansei de andar estressada. É isso mesmo, grande amiga Girafa! Em pé ou deitada, a posição da listra não é o que realmente interessa!
- Então, Zebrinha, vamos acabar logo com esta história e vamos brincar depressa!
E assim a Zebrinha nunca mais viveu preocupada!

BOM DIA, TODAS AS CORES!
Ruth Rocha

Meu amigo Camaleão acordou de bom humor.
- Bom dia, sol, bom dia, flores,
bom dia, todas as cores!

Lavou o rosto numa folha
Cheia de orvalho, mudou sua cor
Para a cor-de-rosa, que ele achava
A mais bonita de todas, e saiu para
O sol, contente da vida.

Meu amigo Camaleão estava feliz
Porque tinha chegado a primavera.
E o sol, finalmente, depois de
Um inverno longo e frio, brilhava,
Alegre, no céu.
- Eu hoje estou de bem com a vida
- Ele disse. - quero ser bonzinho
Pra todo mundo...

Logo que saiu de casa,
O Camaleão encontrou
O professor pernilongo.
O professor pernilongo toca
Violino na orquestra
Do Teatro Florestal.
- Bom dia, professor!
Como vai o senhor?
- Bom dia, Camaleão!
Mas o que é isso, meu irmão?
Por que é que mudou de cor?
Essa cor não lhe cai bem...
Olhe para o azul do céu.
Por que não fica azul também?

O Camaleão,
Amável como ele era,
Resolveu ficar azul
Como o céu da primavera...

Até que numa clareira
O Camaleão encontrou

O sabiá-laranjeira:
- Meu amigo Camaleão,
Muito bom dia e você!
Mas que cor é essa agora?
O amigo está azul por quê?

E o sabiá explicou
Que a cor mais linda do mundo
Era a cor alaranjada,
Cor de laranja, dourada.

Nosso amigo, bem depressa,
Resolveu mudar de cor.
Ficou logo alaranjado,
Louro, laranja, dourado.
E cantando, alegremente,
Lá se foi, ainda contente...

Na pracinha da floresta,
Saindo da capelinha,
Vinha o senhor louva-a-deus,
Mais a família inteirinha.
Ele é um senhor muito sério,
Que não gosta de gracinha.
- bom dia, Camaleão!
Que cor mais escandalosa!
Parece até fantasia
Pra baile de carnaval...

Você devia arranjar
Uma cor mais natural...
Veja o verde da folhagem...
Veja o verde da campina...
Você devia fazer
O que a natureza ensina.

É claro que o nosso amigo
Resolveu mudar de cor.
Ficou logo bem verdinho.
E foi pelo seu caminho...

Vocês agora já sabem como era o Camaleão.

Bastava que alguém falasse, mudava de opinião.
Ficava roxo, amarelo, ficava cor-de-pavão.
Ficava de toda cor. Não sabia dizer NÃO.

Por isso, naquele dia, cada vez que
Se encontrava com algum de seus amigos,
E que o amigo estranhava a cor com que ele estava...
Adivinha o que fazia o nosso Camaleão.
Pois ele logo mudava, mudava para outro tom...

Mudou de rosa para azul.

De azul para alaranjado.

De laranja para verde.

De verde para encarnado.

Mudou de preto para branco.

De branco virou roxinho.

De roxo para amarelo.
E até para cor de vinho...

Quando o sol começou a se pôr no horizonte,
Camaleão resolveu voltar para casa.
Estava cansado do longo passeio
E mais cansado ainda de tanto
mudar de cor.
Entrou na sua casinha.
Deitou para descansar.
E lá ficou a pensar:
- Por mais que a gente se esforce,
Não pode agradar a todos.
Alguns gostam de farofa.
Outros preferem farelo...
Uns querem comer maçã.
Outros preferem marmelo...
Tem quem goste de sapato.
Tem quem goste de chinelo...
E se não fossem os gostos,
Que seria do amarelo?

Por isso, no outro dia, Camaleão levantou-se
Bem cedinho.
- Bom dia, sol, bom dia, flores,
Bom dia, todas as cores!

Lavou o rosto numa folha
Cheia de orvalho,
Mudou sua cor para
A cor-de-rosa, que ele
Achava a mais bonita
De todas, e saiu para
O sol, contente
Da vida.

Logo que saiu, Camaleão encontrou o sapo cururu,
Que é cantor de sucesso na Rádio Jovem Floresta.
- Bom dia, meu caro sapo! Que dia mais lindo, não?
- Muito bom dia, amigo Camaleão!
Mais que cor mais engraçada,
Antiga, tão desbotada...
Por que é que você não usa
Uma cor mais avançada?

O Camaleão sorriu e disse para o seu amigo:
- Eu uso as cores que eu gosto,
E com isso faço bem.
Eu gosto dos bons conselhos,
Mas faço o que me convém.
Quem não agrada a si mesmo,
Não pode agradar ninguém...
E assim aconteceu
O que acabei de contar.
Se gostaram, muito bem!
Se não gostaram, AZAR!

A PROMESSA DO GIRINO

Quero contar uma Historia
Que é muito emocionante
Um girino bem pretinho
E uma lagarta Falante
Eles se apaixonaram
Vejam só que interessante

Na ponta de um salgueiro
A lagarta se debruçou
Na água viu um girino
E logo se encantou
Olharam-se bem nos olhos
E a paixão começou

Ela era o arco-iris
Ele assim a apelidou
És minha pérola negra
Ela assim já lhe chamou
E foi nesses devaneios
Que o amor se instalou

A Lagarta apaixonada
Falou ao seu grande amor:
- Nunca mudes, viu querido
Eu te peço, por favor
- Eu prometo, disse ele
Mas com o coração de dor

Novamente se encontraram
Muito havia já mudado
Dois bracinhos no girino
Por ela já foi notado
- Eu não queria esses braços
disse ele magoado.

Por três vezes a lagarta
Perdoou o seu amado
Mas sua pérola negra
Já tinha muito mudado
A lagarta então foi embora
Com o coração despedaçado

O girino, já um sapo
Esperou a sua amada
Que chorou por muitos dias
E depois foi despertada
Já não era mais lagarta
Mas Borboleta encantada

Bateu suas lindas asas
Atrás do amado partiu
Encontrou um grande sapo
Olhou para ele e sorriu
Perguntou toda faceira
Uma perola você viu?

Mas a pobre coitadinha
Nem terminou de falar
Já foi logo engolida
Pelo sapo sem pensar
Que aquela borboleta
Era Arco-Íris a voar

E até hoje o pobre sapo
Tá na lagoa a esperar
Que o sei lindo Arco-Íris
Volte a lhe procurar
Mal sabe o pobrezinho
Que ela foi o seu jantar

Digo então oh minha gente
Preste muita atenção
Não devemos só agir
Pelos olhos da visão
Pois o bom a gente vê
Com os olhos do coração.

DONA BARATINHA

Era uma vez uma baratinha que varria o salão quando, de repente, encontrou uma moedinha:

Obá! Agora fiquei rica, e já posso me casar!

Este era o maior sonho da Dona Baratinha, que queria muito fazer tudo como tinha visto no cinema.
Então, colocou uma fita no cabelo, guardou o dinheiro na caixinha, e foi para a janela cantar:

Quem quer casar com a Dona Baratinha, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha?

Um ratinho muito interesseiro estava passando por ali, e ficou imaginando o grande tesouro que a baratinha devia ter encontrado para cantar assim tão feliz.
Tentou muito chamar sua atenção e dizer: "Eu quero! Eu quero!" Mas ele era muito pequeno e tinha a voz muito fraquinha e, enquanto cantava, Dona Baratinha nem ouviu.

Então chegou o cão , com seu latido forte, foi logo dizendo: - Eu quero! Au! Au!

Mas, Dona Baratinha se assustou muito com o barulhão dele, e disse:

- Não, não, não, não quero você não, você faz muito barulhão!

E o cachorrão foi embora.

O ratinho pensou: agora é minha vez! Mas...

- Eu quero, disse o elefante.

Dona Baratinha, com medo que aquele animal fizesse muito barulho, pediu que ele mostrasse como fazia. E ele mostrou:

- Não, não, não, não quero você não, você faz muito barulhão!

E o elefante foi embora.

O ratinho pensou novamente: "Agora é a minha vez!", mas...

Outro animal já ia dizendo bem alto: "Eu quero! Eu quero!"

E Dona Baratinha perguntou:

- Como é o seu barulho?

- GRRR!

- Não, não, não, não quero você não, você faz muito barulhão!

E vieram então vários outros animais: o rinoceronte, o leão, o papagaio, a onça, o tigre ... A todos Dona Baratinha disse não: ela tinha muito medo de barulho forte.

E continuou a cantar na janela:

- Quem quer casar com a Dona Baratinha, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha?

Também veio o urso, o cavalo, o galo, o touro, o bode, o lobo, ... nem sei quantos mais.

A todos Dona Baratinha disse não.

Já estava quase desistindo de encontrar aquele com quem iria se casar. E o ratinho se esgoelando.
Foi então que percebeu alguém pulando, exausto de tanto gritar: "Eu quero! Eu quero!"

- Ah! Achei alguém de quem eu não tenho medo! E é tão bonitinho! - disse a Dona Baratinha. Enfim, podemos nos casar!

Então, preparou a festa de casamento mais bonita, com novas roupas, enfeites e, principalmente, comidas.

Essa era a parte que o Ratinho mais esperava: a comida.

O cheiro maravilhoso do feijão que cozinhava na panela deixava o Ratinho quase louco de fome. Ele esperava, esperava, e nada de chegar a hora de comer.

Já estava ficando verde de fome!

Quando o cozinheiro saiu um pouquinho de dentro da cozinha, o Ratinho não agüentou:

- Vou dar só uma provadinha na beirada da panela, pegar só um pedacinho de carne do feijão, e ninguém vai notar nada...

Que bobo! A panela de feijão quente era muito perigosa, e o Ratinho guloso não devia ter subido lá: caiu dentro da panela de feijão, e nunca mais voltou.

Dona Baratinha ficou muito triste que seu casamento tenha acabado assim.

No dia seguinte, decidiu voltar à janela novamente e recomeçar a cantar, mas...

Desta vez iria prestar mais atenção em tudo o que era importante para ela, além do barulhão, é claro!

A CIDADE DOS RESMUNGOS

Era uma vez um lugar chamado **Cidade dos Resmungos**, onde todos resmungavam, resmungavam, resmungavam.

No verão, resmungavam que estava muito quente.

No inverno, que estava muito frio.

Quando chovia, as crianças choramingavam porque não podiam sair.

Quando fazia sol, reclamavam que não tinham o que fazer.

Os vizinhos queixavam-se uns dos outros, os pais queixavam-se dos filhos, os irmãos das irmãs.

Todos tinham um problema, e todos reclamavam que alguém deveria fazer alguma coisa.

Um dia chegou à cidade um mascate carregando um enorme cesto às costas.

Ao perceber toda aquela inquietação e choradeira, pôs o cesto no chão e gritou:

- Ó cidadãos deste belo lugar! Os campos estão abarrotados de trigo, os pomares carregados de frutas. As cordilheiras estão cobertas de florestas espessas, e os vales banhados por rios profundos. Jamais vi um lugar abençoado por tantas conveniências e tamanha abundância. Por que tanta insatisfação? Aproximem-se, e eu lhes mostrarei o caminho para a felicidade.

Ora, a camisa do mascate estava rasgada e puída.

Havia remendos nas calças e buracos nos sapatos.

As pessoas riram que alguém como ele pudesse mostrar-lhes como ser feliz.

Mas enquanto riam, ele puxou uma corda comprida do cesto e a esticou entre os dois postes na praça da cidade.

Então segurando o cesto diante de si, gritou:

- Povo desta cidade! Aqueles que estiverem insatisfeitos escrevam seus problemas num pedaço de papel e ponham dentro deste cesto. Trocarei

seus problemas por felicidade!

A multidão se aglomerou ao seu redor.

Ninguém hesitou diante da chance de se livrar dos problemas.

Todo homem, mulher e criança da vila rabiscou sua queixa num pedaço de papel e jogou no cesto.

Eles observaram o mascate pegar cada problema e pendurá-lo na corda.

Quando ele terminou, havia problemas tremulando em cada polegada da corda, de um extremo a outro.

Então ele disse:

- Agora cada um de vocês deve retirar desta linha mágica o menor problema que puder encontrar.

Todos correram para examinar os problemas.

Procuraram, manusearam os pedaços de papel e ponderaram, cada qual tentando escolher o menor problema.

Depois de algum tempo a corda estava vazia.

Eis que cada um segurava o mesmíssimo problema que havia colocado no cesto.

Cada pessoa havia escolhido o seu próprio problema, julgando ser ele o menor da corda.

Daí por diante, o povo daquela cidade deixou de resmungar o tempo todo.

E sempre que alguém sentia o desejo de resmungar ou reclamar, pensava no mascate e na sua corda mágica.

A ZEROPÉIA

Ia uma centopéia com suas cem patinhas pelo caminho quando topou com uma barata.
Vendo tantas patinhas num bicho só, a barata ficou boquiaberta:
- Mas Dona Centopéia pra que tantas patinhas? A senhora precisa mesmo delas? Olha, eu tenho só seis e são mais do que suficientes! Posso fazer tudo, correr, trepar nas paredes, me esconder nos buracos. Ninguém consegue me acertar na primeira, nem na segunda chinelada!
- É – respondeu a centopéia -, eu não havia pensado nisso! E olha que tenho essas cem patinhas desde que nasci cinqüenta de um lado e cinqüenta do outro...
- Como à senhora faz quando tem uma coceira? – perguntou a barata - Já imaginou o trabalhão, coçando daqui e dali sem parar? Deve ser um inferno ter tantas patinhas! Por que a senhora não amarra noventa e quatro e fica com seis como eu? Vai ficar muito mais fácil e a senhora vai poder inclusive correr muito mais, como eu.

A centopéia nem pensou e amarrou as noventa e quatro patinhas. Doeu um pouco com todos aqueles nós, mas era necessário, e continuou a andar.
Lá na frente se encontrou com um boi.
Quando o boi viu a centopéia andando com seis patas ficou intrigado:
- Dona centopéia por que seis patas? Para que tantas? Olhe, eu só tenho quatro e faço o que quero! Corro, participo de touradas, pulo cerca quando quero, sou forte e todo mundo me admira! Por que a senhora não amarra mais duas patinhas e fica com quatro? Vai ficar mais ágil e vai correr tanto quanto eu...
A centopéia amarrou mais duas patinhas. Doeu um pouco, já estava quase dando cãibra, mas era necessário, e continuou a andar.
Lá mais na frente, já andando com certa dificuldade, a centopéia se encontrou com o macaco.
Quando o macaco viu a centopéia andando com quatro patas, ficou curioso. Olhou bem, contou e recontou, e não se conteve:
- Mas... Dona centopéia, por que tanta pata se a senhora pode andar com apenas duas, como eu?Veja como eu faço: pulo de galho em galho, corro, ninguém me pega nesta floresta. Por que a senhora não amarra mais duas patinhas e fica assim, como eu?
A centopéia nem pensou e amarrou mais duas patinhas. Agora só tinha duas patinhas livres, poderia viver em paz, como a maioria dos bichos da floresta, e se parecia até com as pessoas, podia até pensar em ter nome de gente, como Maria ou Florinda.
E continuou a andar, com muita dificuldade, mas tranqüila. Havia seguido todos os conselhos que recebera pelo caminho.Velhos tempos aqueles em que tinha cem patinhas livres!Quanto trabalho à toa! E continuou a andar.

Mas lá na volta do caminho, de repente, viu a dona cobra!
A centopéia sentiu um friozinho na barriga.
- Ih! – pensou ela – a dona cobra nem patas têm!
Não deu outra. Quando a cobra viu a centopéia com suas duas patinhas, foi logo parando e dizendo:
- Por que andar com essas duas patas num corpo tão comprido e desajeitado? Será que você não sente que está sendo ridícula andando só com duas patas? E, afinal de contas, pra que patas pra andar? Não vê como eu corro, escapo, ataco, meto medo, serpenteio, subo em árvores e até nado sem patas? Por que não completa a obra e amarra tudo de uma vez?
A centopéia então, amarrou as suas últimas patinhas, pensando que podia ser que nem a cobra. E não podia. Ali mesmo ficou pedindo socorro e gritando por todos os bichos da floresta:- Ei, dona barata, seu boi, seu macaco, dona cobra! Venham me ajudar! Não consigo mais andar! Eu, que tinha cem patinhas, deixei de ser uma centopéia e acabei virando uma zeropéia!A turma da floresta, pra concertar a situação, teve então uma idéia, a de fazer um carrinho bem comprido para a centopéia poder se locomover. A centopéia ia virar a primeira zeropéia motorizada da floresta!
- Mas como é que eu vou dirigir esse carro se não tenho mais patinhas?
Foi um drama! Os bichos foram logo discutindo:
- A barata dirige, pois foi ela quem mandou amarrar noventa e quatro patinhas de uma só vez!
- Não, não, não! Dirige o boi, que mandou amarrar mais duas patas!
- Melhor o macaco, que mandou amarrar mais duas.
- Negativo! Dirige a cobra, que mandou amarrar tudo. Até que a centopéia se deu conta, pensou bem pensado e disse para todo mundo:
- É, gente, a culpa é minha! Eu não devia ter escutado essa conversa fiada de amarrar patinhas! Eu não sou barata, não sou boi, não sou macaco e nem cobra; eu sou é eu mesma, uma centopéia que quase virou uma zeropéia.
A centopéia agradeceu o carrinho, mas, mandou a bicharada desamarrar todas as suas patinhas. E decidiu que o mais importante era ser ela mesma e ter as suas próprias idéias na cabeça.

O GRÚFALO

Um ratinho foi passear na floresta escura.
A raposa viu o ratinho e o achou apetitoso.
- Aonde você vai? Perguntou a raposa com brandura – Venha almoçar comigo, faço um almoço gostoso.
- Quanta gentileza raposa, mas não posso aceitar, já marquei com o Grúfalo para almoçar.
- Um Grúfalo? O que é um Grúfalo?
- Você não conhece? Um Grúfalo!
- Ele tem presas incríveis e garras terríveis. E em sua boca, dentes horríveis.
- E onde vocês vão se encontrar?
- Perto dessas pedras é o lugar. E sua comida favorita é raposa frita.
- Raposa frita? Estou fora – a raposa falou – Adeus ratinho já me vou!
- Raposa boba! Será que não sabe que Grúfalo não existe?
E lá se foi o ratinho caminhando pela floresta.
Uma coruja viu o ratinho que lhe pareceu apetitoso.
- Aonde você vai ratinho mimoso? Venha lanchar em minha casa, vai ser uma festa.
- Muito obrigado coruja, mas não posso aceitar. Vou me encontrar com um Grúfalo para lanchar. - Um Grúfalo? O que é um Grúfalo?
- Você não conhece? Um Grúfalo!
- Ele tem pernas ossudas e patas peludas. E na ponta do nariz, uma verruga cabeluda.
- E onde vocês vão se encontrar?
- Na beira desse rio é o lugar. Sorvete de coruja é o que ele gosta de tomar.
- Sorvete de coruja? Uhu, uhu, uhu adeus ratinho! – E a coruja bateu asas e voou.
- Coruja boba! Será que não sabe que Grúfalo não existe?
E lá se foi o ratinho a caminhar. Uma cobra viu o ratinho e o achou apetitoso.
- Aonde você vai ratinho mimoso? Vamos até minha casa e vamos festejar.
- Agradeço muito, cobra, mas não posso aceitar, já marquei com o Grúfalo de comemorar.
- Um Grúfalo? O que é um Grúfalo?
- Você não conhece? Um Grúfalo!
- Seus olhos são alaranjados, sua língua é preta, e tem espinhos pelas costas espetados.
- E onde vocês vão se encontrar?
- Neste lago. Bem na beirada, e seu prato preferido é cobra assada.
- Cobra assada? É hora de me esconder! – E lá se foi ela sem mais dizer.
- Cobra boba! Será que não sabe que Grúfalo não existe?
- Opa! – Disse o ratinho – Mas que criatura é essa com presas incríveis, garras terríveis e dentes horríveis? De pernas ossudas, patas peludas. E na ponta do nariz, uma verruga cabeluda? Com olhos alaranjados, uma língua preta, e

espinhos pelas costas espetados.
- Oh! Socorro! Oh! Não, é um Grúfalo!!!
Minha comida preferida. – Disse o Grúfalo então – Vai ficar gostoso no meio do pão.
- Gostoso? – Exclamou o ratinho – Dos bichos da floresta, sou o mais perigoso. Siga-me e verá isso sim, que todos aqui têm medo de mim!
Caminharam algum tempo até que o Grúfalo falou:
- Ouço um barulho aí na frente, você escutou?
- É a cobra – disse o ratinho – Oi cobra – falou de mansinho.
A cobra olhou para o Grúfalo e tremeu.
- Nossa! Adeus ratinho. – Foi embora depressa e se escondeu.
- Viu só? Disse o ratinho todo orgulhoso.
E o Grúfalo respondeu abismado:
- É espantoso!
Caminharam mais um pouco até que o Grúfalo falou:
- Ouço um piar nas árvores você escutou?
- É a coruja – disse o ratinho – Oi coruja – falou de mansinho.
A coruja olhou para o Grúfalo espantada.
- Adeus ratinho. – E voou para sua casa em disparada.
- Viu só? – Disse o ratinho contente. E o Grúfalo falou espantado:
- Surpreendente!
Seguiram adiante até que o Grúfalo falou:
- Ouço passos à frente, você escutou?
- É a raposa – disse o ratinho – Oi raposa – falou de mansinho.
Ao ver o Grúfalo a raposa empacou.
- Socorro! – Gritou – E, fugindo com medo, em sua toca entrou.
- Viu só Grúfalo? Como todos fogem de mim assustados? Mas agora a minha barriga está começando a roncar, e meu prato predileto é Grúfalo ensopado!
- O quê? Grúfalo ensopado?
- Tudo se acalmou na floresta frondosa.
E o ratinho achou uma noz que estava muito gostosa.

FIO DE OURO - RUMPESLSTICHEN
Irmãos Grimm

Era uma vez um moleiro muito pobre, que tinha uma filha linda. Um dia ele se encontrou com o rei e, para se dar importância, disse que sua filha sabia fiar palha, transformando-a em ouro.
- Esta é uma habilidade que me encanta – disse o rei. – Se é verdade o que diz, traga sua filha amanhã cedo ao castelo. Eu quero pô-la à prova. No dia seguinte, quando a moça chegou, o rei levou-a para um quartinho cheio de palha, entregou-lhe uma roda e uma bobina e disse:
- Agora, ponha-se a trabalhar. Se até amanhã cedo não tiver fiado toda esta palha em ouro, você morrerá! – Depois saiu, trancou a porta e deixou a filha do moleiro sozinha.
A pobre moça sentou-se num canto e, por muito tempo, ficou pensando no que fazer. Não tinha a menor idéia de como fiar palha em ouro e não via jeito de escapar da morte. O pavor tomou conta da jovem, que começou a chorar desesperadamente. De repente, a porta se abriu e entrou um anãozinho muito esquisito.
- Boa tarde, minha linda menina – disse ele. – Por que chora tanto?
- Ah! – respondeu a moça entre soluços. – O rei me mandou fiar toda esta palha em ouro. Não sei como fazer isso!
- E se eu fiar para você? O que me dará em troca?
- Dou-lhe o meu colar. O anãozinho pegou o colar, sentou-se diante da roda e, zum-zum-zum: girou-a três vezes e a bobina ficou cheia de ouro. Então começou de novo, girou a roda três vezes e a segunda bobina ficou cheia também. Varou a noite trabalhando assim e, quando acabou de fiar toda a palha e as bobinas ficaram cheias de ouro, sumiu.
No dia seguinte, mal o sol apareceu, o rei chegou e arregalou os olhos, assombrado e feliz ao ver todo aquele ouro. Contudo, seu ambicioso coração não se satisfez. Levou a filha do moleiro para outro quarto um pouco maior, também cheio de palha, e ordenou-lhe que enchesse as bobinas de ouro, caso quisesse continuar viva. A pobre moça ficou sentada olhando a palha, sem saber o que fazer. “Ah… se o anãozinho voltasse…”, pensou, querendo chorar. Nesse instante a porta se abriu e ele entrou.
- O que você me dá, se eu fiar a palha? – perguntou.
- Dou-lhe o anel do meu dedo. Ele pegou o anel e se pôs a trabalhar. A cada três voltas da roda, uma bobina se enchia de ouro. No outro dia, quando o rei chegou e viu as bobinas reluzindo de ouro, ficou mais radiante.
Mas ainda dessa vez não se contentou. Levou a moça para outro quarto ainda maior, também cheio de palha e disse:
- Você vai fiar esta noite. Se puder repetir essa maravilha, quero que seja minha esposa. O rei saiu, pensando: “Será que ela é mesmo filha do moleiro? Bah! O que importa é que vou me casar com a mulher mais rica do mundo!”

Quando a moça ficou sozinha, o anãozinho apareceu pela terceira vez e perguntou:
- O que você me dá, se ainda dessa vez eu fiar a palha?
- Eu não tenho mais nada…
- Se é assim, prometa que me dará seu primeiro filho, se você se tornar rainha.
“Isso nunca vai acontecer”, pensou a filha do moleiro. E não tendo saída, prometeu ao anãozinho o que ele quis.
Imediatamente ele se pôs a trabalhar, girando a roda a noite inteira. De manhãzinha, quando o rei entrou no quarto, encontrou prontinho o que havia exigido. Cumprindo sua palavra, casou-se com a bela filha do moleiro, que assim se tornou rainha.
Um ano depois, ela deu à luz uma linda criança. Já nem se lembrava mais do misterioso anãozinho. Mas naquele mesmo dia, a porta se abriu repentinamente e ele entrou.
- Vim buscar o que você me prometeu – disse. A rainha ficou apavorada e ofereceu-lhe todas as riquezas do reino, se ele a deixasse ficar com a criança. Mas ele não quis.
- Não! Uma coisa viva vale muito mais para mim que todos os tesouros do mundo! A rainha ficou desesperada; tanto chorou e se lamentou, que o anãozinho acabou ficando com pena.
- Está bem – disse. – Vou lhe dar três dias. Se no fim desse prazo você adivinhar o meu nome, poderá ficar com a criança. A rainha passou a noite lembrando os nomes que conhecia e mandou um mensageiro percorrer o reino em busca de novos nomes. Na manhã seguinte, quando o anãozinho chegou, ela foi dizendo:
- Gaspar, Melquior, Baltazar- e assim continuou, falando todos os nomes anotados. Mas a cada um deles o anão respondia balançando a cabeça:
- Não é esse meu nome! No segundo dia, a rainha pediu às pessoas da vizinhança que lhe dessem seus apelidos, e fez uma lista dos nomes mais esquisitos, como: João das Lonjuras, Carabelassim, Pernil-mal-assado e outros. Mas a todos a resposta do anão era a mesma:
- Não é esse meu nome! No terceiro dia, o mensageiro que andava pelo reino à cata de novos nomes voltou e disse:
- Não descobri um só nome novo. Mas eu estava andando por um bosque no alto de um monte, onde raposas e coelhos dizem boa-noite uns aos outros, quando vi uma cabana. Diante da porta ardia uma fogueirinha e um anão muito esquisito, pulando num pé só ao redor do fogo, cantava:
- Hoje eu frito! Amanhã eu cozinho! Depois de amanhã será meu o filho da rainha! Coisa boa é ninguém saber Que meu nome é Rumpelstichen! Pode-se imaginar a alegria da rainha, quando ouviu esse nome. E quando um pouco mais tarde o anãozinho veio e perguntou:
- Então, senhora rainha, qual é meu nome? Ela disse antes:
- Será Fulano?
- Não!

-Será Beltrano?
- Não!
- Será por acaso Rumpelstichen?
- Foi o diabo que te contou! – gritou o anãozinho furioso. E bateu o pé direito com tanta força no chão, que afundou até a virilha. Depois, tentando tirar o pé do buraco, agarrou com ambas as mãos o pé esquerdo e puxou-o para cima com tal violência, que seu corpo se rasgou em dois. Então, desapareceu.

O REINO DA ALEGRIA

Rosane dos Santos Pires

Existe um Reino, em um planeta distante onde o Rei proibiu os seus súditos de sorrir, pois se achava muito feio e quando via alguém sorrindo, logo pensava:

- Devem estar rindo de mim.

Mas todas as pessoas consideravam o Rei um ótimo sujeito, bondoso, caridoso, que gostava da natureza, um ecologista nato até o dia do tal decreto.

E o tempo foi passando...

A tristeza foi invadindo o Reino, as crianças não brincavam mais, as flores não tinham mais o mesmo colorido, o canto dos pássaros não soava como antes e os mesmos mal saíam dos ninhos, o brilho do Sol ficou mais fraco e em consequência a floresta começou a morrer...

Em um de seus passeios a cavalo pelo bosque o Rei percebeu que havia algo de errado! Voltou para seu castelo e chamou o conselheiro do Reino. Um velho sábio, seu nome era Eurico e perguntou-lhe: - Eurico meu amigo, o que está acontecendo com o nosso Reino?

E respondeu-lhe de prontidão o velho sábio:

- Meu Rei, seu decreto proibindo que as pessoas do Reino sorrissem, fez com que todos se entristecessem e a atmosfera de nosso Reino ficasse sombria, então a tristeza tomou conta de tudo, contagiando os elementos da natureza.

O sorriso traz alegria, e a alegria o contentamento e a paz. Mas estando triste, tudo ao redor perde o encanto. E continuou o sábio...

- Meu Rei, a sua beleza vem do interior de seu coração, pelos seus gestos de bondade e carinho pelo povo. Reflita quanto a sua decisão.

E deixou o Rei a sós.

O Rei começou a refletir sobre as palavras de Eurico...Refletiu, refletiu, e as horas foram passando e o Rei adormeceu. E começou a sonhar, sonhou que seu Reino estava na escuridão, que não existia mais cores e que tudo havia se transformado em preto e exclamou:

- Não, não posso deixar que isso aconteça.

Sem hesitar, saiu em disparada pelas ruas do Reino e ordenou que todos voltassem a sorrir. Sorriam, sorriam, nosso Reino é o Reino mais feliz do Universo! Os meus súditos são os melhores súditos do mundo!

As pessoas rodearam o Rei e começaram a rir, a gargalhar como que numa explosão de algo que estava sufocando no peito. Riram muito, muito mesmo junto com o Rei, que de repente sentiu uma sensação nova o contagiando:

- Puxa, nunca me senti assim, tão bem, tão feliz, tão BELO. O sábio tinha razão, a verdadeira beleza nós temos que extraí-la do nosso interior, e não há nada melhor do que fazermos os outros felizes, isso faz com que nossa alma fique leve e nos sentimos bem conosco mesmo.

E este Reino tornou-se o Reino da Alegria, onde o verde é mais verde, as flores são belas e coloridas como em nenhum outro lugar, e as pessoas tem no rosto um belo e contagiante sorriso e em seus corações um profundo

sentimento de amor e gratidão pelo mais belo Rei que qualquer Reino poderia ter.

O QUANTO TE AMO

Era hora de ir para a cama, e o Coelhinho se agarrou firme nas longas orelhas do Coelho Pai. Ele queria ter certeza de que o Coelho Pai estava ouvindo.
- Adivinha quanto eu te amo? – disse ele.
- Ah, acho que isso eu não consigo adivinhar. – respondeu o Coelho Pai.
- Tudo isso – disse o Coelhinho, esticando seus bracinhos o máximo que podia.
Só que o Coelho Pai tinha os braços mais compridos.
E disse: - E eu te amo tudo isto!
“Huuum, isso é um bocado”, pensou o Coelhinho.
- Eu te amo toda a minha altura – disse o Coelhinho.
- E eu te amo toda a minha altura – disse o Coelho Pai.
“Puxa, isso é bem alto”, pensou o Coelhinho. Eu queria ter os braços compridos assim. Então, o Coelhinho teve uma idéia. Ele se virou de ponta cabeça, apoiando as patinhas na árvore.
- Eu te amo até as pontas dos dedos dos meus pés!
- E eu te amo até as pontas dos dedos dos meus pés – disse o Coelho Pai, balançando o filho no ar.
- Eu te amo até a altura de meu pulo! – riu o Coelhinho saltando, para lá e para cá.
- E eu te amo até a altura do meu pulo – riu também o Coelho Pai e saltou tão alto que suas orelhas tocaram os galhos das árvores.
- Eu te amo toda a estradinha daqui até o rio – gritou o Coelhinho.
- Eu te amo até depois do rio e até as colinas – disse o Coelho Pai.
“É uma bela distância”, pensou o Coelhinho.
Ele estava sonolento demais para continuar pensando. Então, olhou para além das copas das árvores, para a imensa escuridão da noite. Nada podia ser maior do que o céu.
- Eu te amo até a Lua! – disse ele, e fechou os olhos.
- Puxa, isso é longe – disse o Coelho Pai. – Longe mesmo!
O Coelho Pai deitou o Coelhinho na sua caminha de folhas. E então se inclinou para lhe dar um beijo de boa noite!
Depois, deitou-se ao lado do filho e sussurrou, sorrindo:
- Eu te amo até a Lua...IDA E VOLTA!

O LEÃO E O SOL

Nilson Mello – Coleção Olho Mágico – Sementinhas

Conheci um leão que tinha muitas manias.

Uma delas era não sair de casa, nos dias de Sol. Ele dizia que tinha muito medo de sombras, pois receava que tomassem o seu lugar. Quando era surpreendido pelo Sol, num de seus constantes passeios pela selva, deitava-se e ficava ali mesmo, bem quietinho, aguardando que as nuvens o encobrissem. Deitava a cabeça sobre o corpo e ficava ali imóvel.

Certo dia, um de seus filhos procurou saber o motivo pelo qual o pai agia assim. A resposta deixou-o estarrecido.

- Mas isso é ridículo! – exclamou o filho.

- Vergonhoso, até! – reafirmou. E prosseguiu indignado: - O senhor teme alguém, especificamente?

- Isso é assunto meu – respondeu o velho leão, escondendo a cauda sob seu corpo, e olhando para todos os lados.

Mas, pai, o senhor está agindo como um covarde!...

- Você pensa assim, porque não está no meu lugar, e esquece que sou Rei.

- Ah! Então é isso! O senhor tem medo que tomem o seu lugar! Pensei que estivesse brincando...- disse o filho, sorrindo.

E concluiu: - Imaginem, ter medo até da própria sombra!

- Já pensou, seu pai ser substituído? Seria uma desgraça.

- Mas, pai, isto faz parte da vida. Ninguém é insubstituível.

Imagine se todo o mundo pensasse como o senhor! Ninguém teria paz.

De repente, uma grande sombra surgiu diante de pobre leão. Era a da leoa, que vinha chamá-lo, pois havia uma caça próxima dali...O coitado levou um susto enorme. E que tremedeira lhe deu...Só quando reconheceu que era a sombra da sua companheira, é que ele se acalmou. Começou então a esfregar suavemente sua cabeça no corpo do filho e no da companheira, para disfarçar, dizendo:

- Vamos ver essa caça de perto.

O filho olhou o pai, aspirou forte e murmurou:

- Esse meu pai tem cada mania!...É...coitado de quem sofre desse mal! São verdadeiros escravos!

- Vocês podem ir na minha frente – sugeriu o leão.

Os dois acataram a ordem, sorrindo. Enquanto caminhavam, o enigmático felino, de vez em quando, ainda olhava para trás, para ver se ninguém os seguia. Á certa altura, o pequeno leãozinho disse:

- Pai, eu acho que, quem tem medo até de sombra, é porque não tem consciência tranquila. E só não a tem quem não obedece as leis da Natureza.

Dizendo isto, lá se forma os três à procura de caça.

A RAINHA COM RABO DE MACACO

Roberto Carlos Ramos

Vou contar para vocês uma história cientifica. Uma história que vai explicar para vocês direitinho porque as rainhas do mundo todo usa aqueles vestidões rodados e compridos, alguém sabe explicar por quê?

Ah, não sabe não né. Pois eu vou contar!

Essa é a história da primeira Rainha que existiu no mundo. É uma Rainha tão invejosa que ela ficava o dia inteiro na janela do castelo esperando as meninas passarem na rua. Quando passava uma menina com sapatinho novo a Rainha invejosa falava assim:

- Ô menina, ô menina...pode tirar a sandalinha bonita porque quem vai calçar essa sandalinha bonita aqui sou eu!

E pegava a sandalinha da menina.

- Ô menino, ô menino...que camiseta mais bonita. Soldados...ô soldados...tirem a camiseta do menino.

E pegava a camiseta do menino.

Essa rainha pegava tudo de todo mundo.

E tinha um menino assim da idade de vocês que morava perto do castelo da Rainha com a mãe dele. Um dia a mãe do menino o chamou e disse:

- Meu filho, vem cá...a dona Rainha pegou nosso fogão, pegou nossa geladeira, fogão de lenha...olha até a cisterna a Rainha levou...só sobrou aquele buraco ali no chão...você pega essa aqui..essa sacolinha e leva essas coisas lá para sua avó, mas tem uma coisa... não deixa a Rainha ver e tem mais não pega nada do que tem aqui dentro porque isso é para sua avó e só sua avó sabe o vale pra ela.

O menino disse:

- Pode deixar mãe, eu vou levar.

E o menino então que era bem mandado pegou a sacolinha e foi passando pelo castelo da Rainha sem que a Rainha o visse.

Quando o menino tava bem longe...deu uma curiosidade...uma curiosidade para saber o que tinha dentro...ele pensou: Eu acho que vou dar uma olhada.

E ele espertinho abriu a sacola. Quando ele enfiou a mão lá dentro ele tirou de lá uma pitanga! Só que a pitanga era do tamanho de uma melancia! Sem brincadeira...aquela pitangona grandona...parecia até uma abóbora!

E ele falou:

- Nossa...olha o tamanho dessa pitanga...huummm...e tá madurinha...hummm...a minha boca tá enchendo d´agua...eu acho que vou dar uma mordidinha que a minha vó não vai nem perceber.

E o menino então que era meio levadinho deu uma mordida bem grande na pitanga!

- Hummm...mas é docinha mesmo...

Mas quando ele mordeu ele escutou um barulho: **turuuluunn**...o nariz dele cresceu e ele não percebeu nada. Quando ele mordeu a segunda vez aquela

pitanga **turuuluunn turuuluunn**...as orelhas do menino cresceram...ficaram igual orelhas de burro. E quando ele morde a terceira vez aquela pitanga... **turuuluunn**... o rabo no menino cresceu e ficou igual a um rabo de macaco. E foi quando o menino se assustou ele viu que estava com um nariz do tamanho de um braço, com duas orelhas de burro e um rabo de macaco.

O menino assustado disse:

- Ah, puxa...o que essa pitanga fez comigo. Mas pera aí...deixou ver o que mais tem dentro dessa sacola... olha aqui dentro tem umas pitanguinhas tão pequeninhas que parecem grãozinhos de arroz.

Então ele pegou aquela pitanguinha pequeninha...mastigou e quando ele engoliu escutou aquele barulho: **turuuluunn**... só que era ao contrário o nariz do menino encolheu. E ele disse:

- Nossa...eu comi a pitanguinha e voltei ao normal... peraí vou pegar outra pitanguinha enfiou a mão na sacola pegou outra colocou na boca e escutou de novo **turuuluunn turuuluunn** e olha...as orelhas dele voltaram ao normal. Deixou ver agora para sumir esse rabo.

O menino então pegou outra pitanguinha colocou na boca e quando ele mastigou ele escutou: **turuuluunn**... o rabo dele encolheu.

E aí ele disse:

- Ah, então é isso... quando eu como a pitanga grande eu fico com o nariz grandão, com orelhas de burro e com rabo de macaco, mas quando eu como a pitanga pequeninha eu volto ao normal... olha que legal... deixou ver o que tem mais aqui na sacola da vovó... hmmm... olha aqui uma sacolinha com moedinhas de ouro...mais que maravilha!

Mas quando o menino ficou olhando para aquela sacolinha... adivinha quem passou com sua carruagem?

- Cocheiro...cocheiro...pare a carruagem! Ô menino...ô menino...ah, mas que sacolinha essa na sua mão? Ah, não senhor... essa sacolinha bonitinha assim quem vai usar sou eu! Cocheiro... pega aquela sacolinha do menino!

O menino ficou preocupado e disse:

- Rainha, não pega essa sacola... aliás, pensando bem a senhora não quer dar uma mordida nessa pitanga gigante que tem aqui?

A Rainha olhou e disse:

- Ah, uma pitanga gigante... escondendo de mim né seu safadinho... pois sabia você que quem vai comer pitanga gigante aqui sou eu... por favor, cocheiro traga o guardanapo real que eu vou colocar no meu vestido real e que eu vou dar uma mordida real nessa pitanga...gente...o tamanho dessa pitanga... parece uma melancia... hummm...deixou ver... eu vou acho que vou dar uma mordida... ela parece deliciosa... e lá vai... e é 1, 2... hmmmm.... essa pitanga é uma delícia!

Mas quando a Rainha engoliu ela escutou um barulho: **turuuluunn**... o nariz dela cresceu e ela ficou horrível. Mas ela não percebeu nada.

Quando ela mordeu a segunda vez aquela pitanga gigante...

- Mas que pitanga saborosa....

Turuuluunn turuuluunn

As orelhas da Rainha cresceram... pareciam orelhas de burro e ela não viu nada. E quando ela mordeu pela terceira vez aquela pitanga gigante **turuuluunn**... o rabo da Rainha cresceu e ela não viu nada... e ela disse:

- Cocheiro... traga o meu espelho real que eu vou limpar a minha boquinha real.

Quando o cocheiro trouxe o espelho e a Rainha viu... ela levou um susto:

- Ahhhhhhhhhhhhh....que nariz horrível... orelhas de burro... o que é isso... não é possível... um rabo de macaco... eu dou qualquer coisa para voltar ao normal... qualquer coisa! – disse a Rainha.

O menino então disse:

- Bom, Rainha, se a senhora devolver as coisas que pegou de todo mundo eu faço a senhora voltar ao normal.

A Rainha então disse:

- Não bobo, eu não peguei nada das pessoas não...eu pedi é... foi emprestado... não foi cocheiro. Foi emprestado sim... eu não peguei nada de ninguém... topo devolver tudo, mas me faz voltar ao normal.

- Bem... então, senhora Rainha para a senhora voltar ao normal é bem fácil, a senhora tem que pegar essa pitanga gigante, essa aí que está na sua mão e subir no muro do seu castelo quando a senhora tiver lá em cima e todo mundo olhando para a senhora, a senhora começa a comer toda essa pitanga gigante enquanto rebola daí a senhora volta ao normal.

- Como é que é? É só eu comer essa pitanga gigante em cima do muro e começar a rebolar e comer tudo? Ah, você vai ver só se eu to rindo... quando eu voltar ao normal... vou voltar para te castigar... é melhor você ir embora agora porque senão você vai se ver comigo.

E lá se foi a Rainha... pegou a pitanga subiu no muro do castelo, começou a rebolar e comer aquela pitanga gigante...

- Oba... eu vou voltar ao normal!

Mas quando a Rainha rebolava o rabo dela fazia: **turuuluunn turuuluunn turuuluunn turuuluunn turuuluunn turuuluunn**

O rabo da Rainha foi crescendo crescendo... cresceu tanto que chegou lá em baixo nas ruas da cidade e todo mundo descobriu que aquela Rainha tinha rabo de macaco.

Sabe o que a Rainha fez então para ninguém mais ver o rabo de macaco dela... ela mandou enrolar aquele rabo... foi enrolando enrolando fez aquele bolo de rabo e já que não podia cortar ela mandou fazer então um vestido redondo compridão grandão que tampava aquele rabo de macaco.

É por isso que toda Rainha usa aquele vestido redondo compridão grandão para esconder o seu rabo de macaco. Acredite se quiser, mas se você está duvidando tenta ver embaixo do vestido de uma Rainha.

A VERDADEIRA HISTÓRIA DOS TRÊS PORQUINHOS

Em todo o mundo, as pessoas conhecem a história dos Três Porquinhos. Ou pelo menos, acham que conhecem. Mas, eu vou contar um segredo. Ninguém conhece a história verdadeira, porque ninguém jamais escutou o meu lado da história.

Eu sou o lobo Alexandre T. Lobo. Pode me chamar de Alex. Eu não sei como começou este papo de Lobo Mau, mas está completamente errado. Talvez seja por causa de nossa alimentação. Olha, não é culpa minha se lobos comem bichinhos engraçadinhos como coelhos e porquinhos. É apenas nosso jeito de ser. Se os cheeseburgers fossem uma gracinha, todos iam achar que você é Mau.

Mas como eu estava dizendo, todo esse papo de Lobo Mau está errado. A verdadeira história é sobre um espirro e uma xícara de açúcar.

No tempo do Era Uma Vez, eu estava fazendo um bolo de aniversário para minha querida vovozinha. Eu estava com um resfriado terrível, espirrando muito. Fiquei sem açúcar.

Então resolvi pedir uma xícara de açúcar emprestada para o meu vizinho. Agora, esse vizinho era um porco. E não era muito inteligente também. Ele tinha construído a casa de palha. Dá para acreditar? Quero dizer, quem tem a cabeça no lugar não constrói uma casa de palha.É claro que sim, que bati, a porta caiu. Eu não sou de ir entrando assim na casa dos outros. Então chamei: “Porquinho, você está aí?” Ninguém respondeu.

Eu já estava a ponto de voltar para casa sem o açúcar para o bolo de aniversário da minha querida e amada vovozinha. Foi quando meu nariz começou a coçar. Senti o espirro vindo. Então inflei. E bufei. E soltei um grande espirro.

Sabe o que aconteceu? Aquela maldita casa de palha desmoronou inteirinha. E bem no meio do monte de palha estava o Primeiro Porquinho – mortinho da silva. Ele estava em casa o tempo todo. Seria um desperdício deixar um presunto em excelente estado no meio daquela palha toda. Então eu o comi. Imagine o porquinho como se ele fosse um grande cheeseburger dando sopa.

Eu estava me sentindo um pouco melhor. Mas ainda não tinha minha xícara de açúcar. Então fui até a casa do próximo vizinho. Esse era um pouco mais esperto, mas não muito. Tinha construído a casa com lenha. Toquei a campainha da casa com lenha. Ninguém respondeu. Chamei: “Senhor Porco, senhor Porco, está em casa?”

Ele gritou de volta: “Vá embora Lobo. Você não pode entrar. Estou fazendo a barba de minhas bochechas rechonchudas”. Ele tinha acabado de pegar na maçaneta quando senti outro espirro vindo. Inflei. E bufei. E tentei cobrir minha boca, mas soltei um grande espirro. Você não vai acreditar, mas a casa desse sujeito desmoronou igualzinho a do irmão dele

Quando a poeira baixou, lá estava o Segundo Porquinho – mortinho da silva. Palavra de hora. Na certa você sabe que comida estraga se ficar abandonada ao relento. Então fiz a única coisa que tinha de ser feita. Jantei de novo. Era o mesmo que repetir um prato. Eu estava ficando tremendamente empanturrado. Mas estava um pouco melhor do resfriado.

E eu ainda não conseguira aquela xícara de açúcar para o bolo de aniversário da minha querida e amada vovozinha. Então fui até a casa do próximo vizinho. Esse sujeito era irmão do Primeiro e do Segundo Porquinho. Devia ser o crânio da família. A casa dele era de tijolos. Bati na casa de tijolos. Ninguém respondeu. Eu chamei: “Senhor Porco, o senhor está?” E sabe o que aquele leitãozinho atrevido me respondeu? “Caia fora daqui, Lobo. Não me amole mais.”

E não me venham acusar de grosseria! Ele tinha provavelmente um saco cheio de açúcar. E não ia me dar nem uma xicrinha para o bolo de aniversário da minha vovozinha. Que porco! Eu já estava quase indo embora para fazer um lindo cartão em vez de um bolo, quando senti um espirro vindo. Eu inflei. E bufei. E espirrei de novo.

Então o Terceiro Porco gritou: “E a sua velha vovozinha pode ir às favas.” Sabe sou um cara geralmente bem calmo. Mas quando alguém fala desse jeito da minha vovozinha, eu perco a cabeça. Quando a polícia chegou, é evidente que eu estava tentando arrebentar a porta daquele Porco. E todo o tempo eu estava inflando, bufando e espirando e fazendo uma barulheira.

O resto, como dizem, é história.
Tive um azar: os repórteres descobriram que eu tinha jantado os outros dois porcos. E acharam que a história de um sujeito doente pedindo açúcar emprestado não era muito emocionante. Então enfeitaram e exageraram a história como todo aquele negócio de “bufar, assoprar e derrubar sua casa”.

E fizeram de mim um Lobo Mau. É isso aí. Esta é a verdadeira história. Fui vítima de armação. Mas talvez você possa me emprestar uma xícara de açúcar”.

A GALINHA RUIVA

Era uma vez uma galinha ruiva, que morava com seus pintinhos numa fazenda. Um dia ela percebeu que o milho estava maduro, pronto pra colher e virar um bom alimento. A galinha ruiva teve a idéia de fazer um delicioso bolo de milho. Todos iam gostar! Era muito trabalho: ela precisava de bastante milho para o bolo.

Quem podia ajudar a colher a espiga de milho no pé?
Quem podia ajudar a debulhar todo aquele milho?
Quem podia ajudar a moer o milho para fazer a farinha de milho para o bolo?

Foi pensando nisso que a galinha ruiva encontrou seus amigos:

- Quem pode me ajudar a colher o milho para fazer um delicioso bolo?
- Eu não, disse o gato. Estou com muito sono.
- Eu não, disse o cachorro. Estou muito ocupado.
- Eu não, disse o porco. Acabei de almoçar.
- Eu não disse a vaca. Está na hora de brincar lá fora.

Todo mundo disse não.

Então, a galinha ruiva foi preparar tudo sozinha: colheu as espigas, debulhou o milho, moeu a farinha, preparou o bolo e colocou no forno.Quando o bolo ficou pronto... aquele cheirinho bom de bolo foi fazendo os amigos se chegarem. Todos ficaram com água na boca.
Então a galinha ruiva disse:

- Quem foi que me ajudou a colher o milho, preparar o milho, para fazer o bolo?
Todos ficaram bem quietinhos (ninguém tinha ajudado).
- Então quem vai comer o delicioso bolo de milho sou eu e meus pintinhos, apenas. Vocês podem continuar a descansar olhando.

E assim foi: a galinha e seus pintinhos aproveitaram a festa, e nenhum dos preguiçosos foi convidado.

A CASA SONOLENTA

Era uma vez uma casa sonolenta onde todos viviam dormindo.
Nessa casa tinha uma cama, uma cama aconchegante, onde todos vivam dormindo. Nessa cama tinha uma avó, uma avó roncando, numa cama aconchegante, numa casa sonolenta, onde todos viviam dormindo. Em cima dessa avó tinha um menino, um menino sonhando, em cima de uma avó roncando, numa cama aconchegante, numa casa sonolenta, onde todos viviam dormindo.
Em cima desse menino tinha um cachorro, um cachorro cochilando, em cima de um menino sonhando, em cima de uma avó roncando, numa cama aconchegante, numa casa sonolenta, onde todos viviam dormindo. Em cima desse cachorro tinha um gato, um gato ressonando, em cima de cachorro cochilando, em cima de um menino sonhando, em cima de uma avó roncando, numa cama aconchegante, numa casa sonolenta, onde todos viviam dormindo.
Em cima desse gato, tinha um rato, um rato dormitando, em cima de um gato ressonando em cima de cachorro cochilando, em cima de um menino sonhando, em cima de uma avó roncando, numa cama aconchegante, numa casa sonolenta, onde todos viviam dormindo.
Em cima desse rato tinha uma pulga...
Será possível?
Uma pulga acordada!!!!
Que picou o rato;
Que assustou o gato;
Que arranhou o cachorro,
Que caiu sobre o menino,
Que deu um susto na avó,
Que quebrou a cama,
Numa casa sonolenta,
Onde ninguém mais estava dormindo.

COMO NASCEU A ALEGRIA
(Rúben Alves)

Você pode não acreditar, mas é verdade: muitos anos atrás a terra era um jardim maravilhoso.
É que os anjos, ajudados pelos elefantes, regavam tudo, com regadores cheios de água que eles tiravam das nuvens. Esta era a sua primeira tarefa, todo dia. Se esquecessem, todas as plantas morreriam, secas, estorricadas... Para que isso não acontecesse, Deus chamou o galo e lhe disse:
- Galo, logo que o sol aparecer, bem cedinho, trate de cantar bem alto para que os anjos e os elefantes acordem...
E é por isto que, ainda hoje, os galos cantam de manhã...
Flores havia aos milhares. Todas eram lindas. Mas, infelizmente, todas elas eram igualmente vaidosas e cada uma pensava ser a mais bela.E, exibindo as suas pétalas, umas para as outras, elas se perguntavam, sem parar:
- Não sou a mais linda de todas?Até pareciam a madrasta da Branca de Neve.
Por causa da vaidade, nenhuma delas ouvia o que as outras diziam e nem percebiam que todas eram igualmente belas.Por isso, todas ficavam sem resposta.
E eram, assim, belas e infelizes.
No meio de tanta beleza infeliz, entretanto, certo dia uma coisa inesperada aconteceu.
Uma florinha, que estava crescendo dentro de um botão, e que deveria ser igualmente bela e infeliz, cortou uma de suas pétalas num espinho, ao nascer.
A florinha nem ligou e vivia muito feliz com sua pétala partida. Ela não doía. Era uma pétala macia. Era amiga.
Até que ela começou a notar que as outras flores a olhavam com olhos espantados. E percebeu, então, que era diferente.
- Por que é que as outras flores me olham assim, papai, com tanto espanto, olhos tão fixos na minha pétala...?
- Por que será? Que é que você acha?,perguntou o pai.
Na verdade, ele bem sabia de tudo. Mas ele não queria dizer. Queria que a florinha tivesse coragem para olhar para as vaidosas e amar a sua pétala.
- Acho que é porque eu sou meio esquisita..., a florinha respondeu.
E ela foi ficando triste, triste... Não por causa da sua pétala rachada, mas por causa dos olhos das outras flores.
- Já estou cansada de explicar. Eu nasci assim... Mas elas perguntam, perguntam, perguntam...
Até que ela chorou.Coisa que nunca tinha acontecido com as flores belas e infelizes.
A terra levou um susto quando sentiu o pingo de uma lágrima quente, porque as outras flores não choravam. E ela chamou a árvore e lhe contou baixinho:
- A florinha está chorando. E a terra chorou também. A árvore chamou os pássaros e lhes contou o que estava acontecendo. E, enquanto falava, foi

murchando, esticando seus galhos num longo lamento, e continua a chorar até hoje, à beira dos rios e dos lagos, aquela árvore triste que tem o nome de chorão. E das pontas dos seus galhos correram as lágrimas que se transformaram num fiozinho de água...Os pássaros voaram até as nuvens.
- Nuvens, a florinha está chorando. E choraram lágrimas que se transformaram em pingos de chuva... As nuvens choraram também, juntando-se aos pássaros numa chuva enorme, choro do céu.As lágrimas das nuvens molharam as camisolas dos anjinhos que brincavam no céu macio.
E quiseram saber o que estava acontecendo. E quando souberam que a florinha estava chorando, choraram também... E Deus, que era uma flor, começou a chorar também.
E a sua dor foi tão grande que, devagarinho, como se fosse espinho, ela foi cortando uma de suas pétalas. E Deus ficou tal e qual a florzinha.
E aquele choro todo, da terra, das árvores, dos pássaros, dos anjos, de Deus, virou chuva, como nunca havia caído.
O sol, sempre amigo e brincalhão, não agüentou ver tanta tristeza. Chorou também. E a sua boca triste virou o arco-íris...
E as chuvas viraram rios e os rios viraram mares. Nos rios nasceram peixes pequenos.
Nos mares apareceram os peixes grandes.
A florinha abriu os olhos e se espantou com todo aquele reboliço. Nunca pensou que fosse tão querida. E a sua tristeza foi virando, lá dentro, uma espécie de cócega no coração, e sua boca se entortou para cima, num riso gostoso...
E foi então que aconteceu o milagre.
As flores belas e infelizes não tinham perfume, porque nunca riam.
Quando a florinha sorriu, pela primeira vez, o perfume bom da flor apareceu.
O perfume é o sorriso da flor. E o perfume foi chamando bichos e mais bichos... Vieram as abelhas... Vieram os beija-flores... Vieram as borboletas... Vieram as crianças.
Um a um, beijaram a única flor perfumada, a flor que sabia sorrir.
E sentiram, pela primeira vez, que a florzinha, lá dentro do seu sorriso, era doce, virava mel...
Esta é a estória do nascimento da alegria. De como a tristeza saiu do choro, do choro surgiu o riso e o riso virou perfume. A florzinha não se esqueceu de sua pétala partida.
Só que, deste dia em diante, ela não mais sofria ao olhar para ela, mas a agradava, como boa amiga. Quanto aos regadores dos anjos, nunca mais foram usados.
De vez em quando, olhando para as nuvens, a gente vê um deles, guardado lá dentro, já velho e coberto de teias de aranha...
Enquanto a florzinha de pétala partida estiver neste mundo, a chuva continuará a cair e o brinquedo de roda em volta do seu sorriso e do seu perfume não terá fim..

A PRINCESA E A ERVILHA

Adaptado do conto de Hans Christian Andersen

Era uma vez um príncipe que queria se casar com uma princesa, mas uma princesa de verdade, de sangue real meeeeesmo. Viajou pelo mundo inteiro, à procura da princesa dos seus sonhos, mas todas as que encontrava tinham algum defeito. Não é que faltassem princesas, não: havia de sobra, mas a dificuldade era saber se realmente eram de sangue real. E o príncipe retornou ao seu castelo, muito triste e desiludido, pois queria muito casar com uma princesa de verdade.

Uma noite desabou uma tempestade medonha. Chovia desabaladamente, com trovoadas, raios, relâmpagos. Um espetáculo tremendo!

De repente bateram à porta do castelo, e o rei em pessoa foi atender, pois os criados estavam ocupados enxugando as salas cujas janelas foram abertas pela tempestade.

Era uma moça, que dizia ser uma princesa. Mas estava encharcada de tal maneira, os cabelos escorrendo, as roupas grudadas ao corpo, os sapatos quase desmanchando... que era difícil acreditar que fosse realmente uma princesa real.

A moça tanto afirmou que era uma princesa que a rainha pensou numa forma de provar se o que ela dizia era verdade.

Ordenou que sua criada de confiança empilhasse vinte colchões no quarto de hóspedes e colocou sob eles uma ervilha. Aquela seria a cama da “princesa”.



A moça estranhou a altura da cama, mas conseguiu, com a ajuda de uma escada, se deitar.

No dia seguinte, a rainha perguntou como ela havia dormido.

— Oh! Não consegui dormir — respondeu a moça,

— havia algo duro na minha cama, e me deixou até manchas roxas no corpo!

O rei, a rainha e o príncipe se olharam com surpresa. A moça era realmente uma princesa! Só mesmo uma princesa verdadeira teria pele tão sensível para sentir um grão de ervilha sob vinte colchões!!!

O príncipe casou com a princesa, feliz da vida, e a ervilha foi enviada para um museu, e ainda deve estar por lá...

Acredite se quiser, mas esta história realmente aconteceu!

LENDA DO JOÃO DE BARRO
(Lenda indígena / Bruxo-els)

Conta uma lenda indígena que, há muito tempo, numa tribo do sul do Brasil , um jovem apaixonou-se por uma moça de grande beleza.

Melhor dizendo: - apaixonaram-se. Jaebé , o moço , foi pedi-la em casamento. O pai dela perguntou: - Que provas podes dar de sua força para pretender a mão da moça mais formosa da tribo? As provas do meu amor! -respondeu o jovem. O velho gostou da resposta mas achou o jovem atrevido. Então disse:- O último pretendente de minha filha falou que ficaria cinco dias em jejum e morreu no quarto dia. Eu digo que ficarei nove dias em jejum e não morrerei. Toda a tribo se espantou com a coragem do jovem apaixonado. O velho ordenou que se desse início à prova. Enrolaram o rapaz num pesado couro de anta e ficaram dia e noite vigiando para que ele não saísse nem fosse alimentado. A jovem apaixonada chorou e implorou ao deus Lua que o mantivesse vivo para seu amor. O tempo foi passando. Certa manhã , a filha pediu ao pai: - Já se passaram cinco dias. Não o deixe morrer.

O velho respondeu:- Ele é arrogante. Falou nas forças do amor. Vamos ver o que acontece. E esperou até a última hora do novo dia. Então ordenou: - Vamos ver o que resta do arrogante Jaebé. Quando abriram o couro da anta , Jaebé saltou ligeiro. Seu olhos brilharam, seu sorriso tinha uma luz mágica. Sua pele estava limpa e cheirava a perfume de amêndoa. Todos se espantaram. E ficaram mais espantados ainda quando o jovem , ao ver sua amada, se pôs a cantar como um pássaro enquanto seu corpo , aos poucos, se transformava num corpo de pássaro! E exatamente naquele momento , os raios do luar tocaram a jovem apaixonada , que também se viu transformada em um pássaro. E, então, ela saiu voando atrás de Jaebé , que a chamava para a floresta onde desapareceu para sempre. Contam os índios que assim que nasceu o pássaro joão-de-barro.

A prova do grande amor que uniu esses dois jovens está no cuidado com que constrói sua casa e protegem os filhotes. E os homens amam o joão-de-barro porque lembram da força de Jaebé, uma força que vinha do amor e foi maior que a morte.

MARIA VAI COM AS OUTRAS

Sylvia Orthof

Era uma vez uma ovelha chamada Maria. Onde as outras ovelhas iam, Maria ia também. As ovelhas iam para baixo Maria ia também. As ovelhas iam para cima, Maria ia também.

Um dia, todas as ovelhas foram para o Pólo Sul. Maria foi também.

E atchim! Maria ia sempre com as outras.

Depois todas as ovelhas foram para o deserto. Maria foi também.

- Ai que lugar quente! As ovelhas tiveram insolação. Maria teve insolação também. Uf! Uf! Puf!

Maria ia sempre com as outras.

Um dia, todas as ovelhas resolveram comer salada de jiló.

Maria detestava jiló. Mas, como todas as ovelhas comiam jiló, Maria comia também. Que horror!

Foi quando de repente, Maria pensou:

“Se eu não gosto de jiló, por que é que eu tenho que comer salada de jiló?”

Maria pensou, suspirou, mas continuou fazendo o que as outras faziam.

Até que as ovelhas resolveram pular do alto do Corcovado pra dentro da lagoa. Todas as ovelhas pularam.

Pulava uma ovelha, não caía na lagoa, caía na pedra, quebrava o pé e chorava: mé! Pulava outra ovelha, não caía na lagoa, caía na pedra e chorava: mé!

E assim quarenta duas ovelhas pularam, quebraram o pé, chorando mé, mé, mé!

Chegou a vez de Maria pular. Ela deu uma requebrada, entrou num restaurante comeu, uma feijoada.

Agora, mé, Maria vai para onde caminha seu pé.

O JABUTI E O LEOPARDO

O jabuti, distraído como sempre, estava voltando apressado para casa . A noite começava a cobrir a floresta com seu manto escuro e o melhor era apertar o passo.
De repente ...caiu numa armadilha ! Um buraco profundo coberto por folhas de palmeiras que havia sido cavado na trilha, no meio da floresta, pelos caçadores da aldeia para aprisionar os animais.
O jabuti, graças a seu grosso casco, não se machucou na queda, mas...como escapulir dali ? Tinha que encontrar uma solução antes do amanhecer se não quisesse virar sopa para os aldeões...
Esta ainda perdido em seus pensamentos quando um leopardo caiu também na mesma armadilha !!!
O jabuti deu um pulo, fingindo ter sido incomodado em seu refúgio, e berrou para o leopardo:

"-Que é isto ? o que está fazendo aqui ? Isto são modos de entrar em minha casa ? Não sabe pedir licença ?!" E quanto mais gritava, mais espantado ficava o leopardo...

E continuou..."-Não vê por onde anda ? Não sabe que não gosto de receber visitas a estas horas da noite ? Saia já daqui ! Seu pintado mal-educado !!!"
O leopardo bufando de raiva com tal atrevimento, agarrou o jabuti...e com toda a força jogou-o para fora do buraco !
O jabuti - feliz da vida - foi andando para sua casa tranquilamente !

OS BEBÊS DA TARTARUGA

A Lua acabava de aparecer. Era o momento escolhido pela tartaruga-do-mar, dona Cascuda, para pôr seus ovos na praia. Ela tinha esperado por aquela hora, porque ninguém iria vê-la: nem a iguana que comia ovos, nem os outros comilões. Dona Cascuda se apressou. Antes de pôr seus ovos na areia, ela precisava cavar um buraco grande. Quando julgou que ele estava bastante fundo, dona Cascuda pôs sua ninhada e a cobriu com areia.

O Sol sempre ajuda, mantendo a futura família bem quentinha. É isso, então dona Cascuda voltou para o mar. Sem seus bebês? Sim, as tartarugas são assim. Os pequenos devem se virar sozinhos. Como eles vão sobreviver? Você pode estar se perguntando. Não se preocupe! Num belo dia, a areia se mexe e dela saem a Cascuda 1, a Cascuda 2, A Cascuda 3, que, finalmente, quebram sua casca. As novas tartaruguinhas se apressam para chegar ao mar. Nunca o viram, mas sabem muito bem onde ele está. Devem correr o mais rápido possível para que os pássaros do mar e os lagartos, sempre eles, esses comilões, não as peguem. Você já viu uma tartaruga correr? Você já ouviu falar disso? Realmente, esses bichinhos não são um trem-bala! Por isso, não é fácil para as tartaruguinhas chegarem até a água...Mas, depois de alguns minutos, todo mundo consegue. E todas sabem nadar! Partem para cruzar os oceanos!

Boa viagem Cascuda 1, Cascuda 2, Cascuda 3...e todas as outras!

BRIGA DE FRUTAS

À noite, quando todos estão dormindo, coisas acontecem na cozinha. Hoje, muita discussão aconteceu entre as frutas dispostas na travessa.

- “Eu” – disse o pêssego. - “Sou doce, minha pele sai facilmente e as crianças podem me comer sem manchar a roupa. Por isso elas me amam tanto.”.

- “Eu” – falou o limão. – “Sou bem ao contrário. Não gosto de ser despido de jeito nenhum, nem de açúcar, que danifica os dentes, nem de ser comido vivo!”.

- “Você é muito cheio de manias, limão.”. – disse o pêssego.

- “Claro, eu sou ácido.”. – respondeu o limão.

- “Mas como vitamina, sou a melhor.”. – disse a tangerina.

O kiwi resolveu falar também:

- “Não mesmo. O campeão de vitaminas sou eu!”.

O limão ficou com raiva: - “Ah, é? E quem as pessoas usam para fazer a limpeza da salada? E quem acompanha o peixe? E quem, com apenas algumas gotas, dá sabor a um copo de água?”.

A banana tentou acalmá-los:

- “Não há necessidade de brigas. Depois, as crianças me preferem, porque elas podem me levar na mochila.”.

O abacaxi falou:

- “Vocês aí, kiwis, tangerinas e limões...vocês devem esperar o inverno para ficarem maduros!”.

- “É verdade.”. – admitiu o pêssego, com sua vozinha doce.

- “Mas, quando chega o verão, as crianças preferem cerejas, morangos e pêssegos.”. – concluiu o abacaxi.

Nesse momento, a porta se abriu. Paulo se aproximou da fruteira e disse:

- “Poxa, acabaram-se as maçãs! Que droga, vou comer pão.”.

O PRÍNCIPE COM ORELHAS DE BURRO

Certo rei vivendo muito desgostoso por não ter filhos embora fosse casado há vários anos, pediu ao homem mais velho do reino:
- tu, que, por muito teres vivido, decerto muito sabes, dize-me o que devo fazer, para que Nosso Senhor se compadeça de mim.
- Isso, majestade, é da competência das três irmãs, as fadas Bonita, Sabichona e Sensata, que moram na floresta. Mandai, portanto, chamá-las – respondeu-lhe ele.
E as três irmãs vieram e afirmaram ao rei:
- terás o filho que deseja, se consentires que assistamos ao seu batizado.
O rei acedeu imediatamente e, por isso, tempo decorrido e com regozijo de todos, nascia o príncipe. No dia do batizado, conforme a combinação feita, apresentaram-se as três fadas.
Primeiro a fada Bonita tomou o principezinho nos braços e tocando-o com a sua varinha, determinou, em voz tão baixa que ninguém ouviu senão as irmãs.
- Eu te fado para que sejas o príncipe mais lindo do mundo.
Depois, a fada Sabichona, aproximou-se e disse de igual forma.
- Eu te fado, para que sejas o príncipe mais sábio do mundo.
E, por fim, coube a vez à fada Sensata, que, não obstante seguir também os modos das outras, se exprimiu de maneira um tanto quanto diferente:
- Ah, com que então só bonitezas e sabedorias? Para que tenhamos, pois asneira no caso, eu te fado, ó príncipe, a fim de que te nasçam umas orelhas de burro.
Foram-se embora as fadas e, doravante, o príncipe deu-se a crescer no corpo, na boniteza e na sabedoria, que era um louvar a Deus. Mas, à medida que crescia, cresciam também as suas orelhas. E o rei e a rainha, envergonhados com o fato, mandaram lhe fazer uma touca especial que lhe as ocultasse de todos os olhares, e ordenaram ainda que jamais a tirasse.
Escondidas as orelhas, os cortesãos, não as vendo, achavam o príncipe um portento de formosura e inteligência e, por isso, amiúdo lhe diziam:
- Tão belo e sábio como vós, não conhecemos outro rapaz.
De tanto escutar isso, o príncipe tornou-se um vaidoso, pois era tão ignorante da sua deformidade como os cortesãos e, em breve, passou a achar defeitos em todos quantos o rodeavam e aponta-los. Entretanto, o príncipe de tanto crescer, tornou-se um rapagão, nascendo-lhe a barba. O rei ao verifica-lo, ordenou, pois, que o seu barbeiro lha fizesse. E este, tendo para isso de tirar a toca do príncipe, viu as orelhas e gritou horrorizado:
- Apre!, que orelhas assim, só as do burro do meu compadre!
Ergueu-se de salto o príncipe da cadeira, disposto a castigar o insolente; mas de súbito, viu refletido no espelho à sua frente a sua cara e as orelhas. E logo, perante a realidade destas, se pôs a chorar e a soluçar, que era uma dor de alma! Atraído pelo barbeiro, o rei então apareceu. E, vendo o que sucedera disse ao barbeiro:

- Ou guarda segredo acerca de tudo ou mando-te enforcar.
Feita a barba, o príncipe pôs outra vez o barrete e o barbeiro foi à sua vida. De futuro, porém, todos estranharam os dois. O príncipe mostrava-se permanentemente triste e, quanto ao barbeiro que outrora falava pelos cotovelos, era agora quase mudo. Não que ele tinha medo de dar à língua ou não se lembrasse de que, pela boca, morre o peixe. Mas, - ai! O segredo pesava-lhe como chumbo. E, resolvendo portanto, confessar-se, em busca de alívio, disse ao padre:
- Se não conto a todos que o príncipe tem orelhas de burro, rebento!
- Olha, meu filho, vai a ao monte, faz um buraco no chão e diz para dentro dele o segredo, tantas vezes quantas as necessárias para que fiques aliviado do seu peso. Depois, tapa-o com terra.
O barbeiro seguiu o conselho, e na verdade, regresso à casa já tão falador como antes. Mas, no sítio onde fora enterrado o segredo, nasceu tempo após um canavial. Ora, certo pastor cortou nele uma cana, fazendo desta uma flauta. E, quando a levou aos beiços, a mesma cantou:
- O príncipe tem orelhas de burro, o príncipe tem orelhas de burro...
Espalhou-se a notícia do prodígio e, chegando ela aos ouvidos do rei, de pronto o mesmo mandou vir à sua presença o pastor, que, diante de toda a corte, se pôs a tocar a flauta e esta a dizer:
- O príncipe tem orelhas de burro, o príncipe tem orelhas de burro...
Porque só havia no reino um príncipe, todos os cortesãos olharam imediatamente para ele, cogitando:
“Se calhar, a toca é para escondê-las...” e o príncipe, adivinhando os seus pensamento, ficou vermelho como uma cereja e com as lágrimas nos olhos, exclamou:
- Sim, eu sou, como ides verificar, o príncipe com orelhas de burro. Perdoai-me o mal que vos fiz, quando outrora caçoava dos vossos defeitos, sem cuidar que podia ter outros piores...
E, com tais palavras, o príncipe levou a mão à toca e a arrancou. Mas, nisto surgiu a fada sensata que atalhando-lhe o gesto disse:
- Ah, que se não sou eu, tinhas permanecido vaidosão! Mas, como estás curado do defeito, não há motivo para continuares orelhudo. Tira, portanto, a toca.
E o príncipe assim fez, e as suas orelhas apareceram... rosadas e pequeninas. Ficaram muito contentes o rei, a rainha e o príncipe e, de futuro, o último, quando lhe chamava a atenção para as pernas tortas destes ou para a estupidez daquele, respondia:
- Estás a precisar de umas orelhas de burro, amigo!

O CARNAVAL DO JABUTI
Walmir Ayala

Resolveram os bichos fazer um baile de Carnaval. A raposa foi quem deu a idéia.
Cada um se meteu na sua casinha imaginando de que se fantasiaria.
O coelho escolheu a fantasia de leão; ah, como tinha vontade de ser forte e Rei!
A formiga queria voar; escolheu a fantasia de abelha.
O ouriço queria cantar; resolveu fantasiar-se de galo.
O leão queria ser maior do que era; resolveu disfarçar-se de elefante. E assim por diante.
A raposa foi de casa em casa anunciando a festa e perguntando, muito curiosa e matreira:
- De que você vai se fantasiar?
Bateu na casa do jabuti e ouviu como resposta:
- Vou me fantasiar de jabuti.
- Não pode.
- Por que não pode?
- Porque você já é um jabuti.
- Pois não quero ser outra coisa...
E o jabuti, muito lento, deu as costas à raposa.
Que furiosa ela ficou! Ela queria provar ao Rei que os animais estavam todos descontentes de sua condição, e o jabuti, agora, furava a prova.
A raposa então mandou um emissário, o mosquito, conversar com o jabuti:
- Senhor jabuti, o senhor é um desmancha prazeres. Não seja assim. Ponha uma fantasia de arara.
- É muito espalhafatosa.
- De cobra, então!
- É muito estreita para o meu casco.
- De peixe, de gambá, de gato do mato...
- Não quero e pronto! Não chateie, sim?
E lá se ia ele, pitando seu pito, com um sorriso no canto dos lábios.
A raposa decidiu:
- Vou impedi-lo de ir ao baile, não há outra solução.
Mandou o João-de-barro tapar a porta da toca do jabuti da noite para o dia.
O jabuti, no dia seguinte, abriu outro buraco.
A raposa foi falar com o rio e pediu-lhe que mudasse de leito para impedir o caminho do jabuti. O rio concordou.
O jabuti então chamou um jacaré muito seu amigo e atravessou o rio no lombo dele.
A raposa, furiosa, chamou os urubus e mandou que jogassem, de muito alto, grandes pedras para quebrar o casco do jabuti. Quem diz! Não havia pedra mais forte que aquela carapaça resistente.

Vendo que não conseguia nada, a raposa resolveu antecipar o baile, assim o jabuti não chegaria a tempo. E assim fez.
O jabuti, no caminho para o baile, encontrou o seu amigo macaco.
- Como vai, macaco?
- Vou bem.
- Vai ao baile?
- Não vou.
Então o macaco contou que fora proibido pela polícia de ir ao baile porque era muito bagunceiro.
O jabuti riu dizendo:
- Tenho uma idéia. Você vai e diz que é o jabuti fantasiado de macaco. E faça toda a bagunça, por você e por mim. Eu chego no fim.
O macaco deu cambalhotas de alegria e foi para o baile.
Ao chegar, a raposa o deteve. A danada estava fantasiada de pavão, como uma rainha.
- Aonde vai? Está proibido de entrar aqui.
E o macaco:
- Pois eu sou o jabuti, não está vendo?
- Ah – disse a raposa, vitoriosa – com que então entrou nos eixos! Entre, entre.
Quando o baile estava no auge deu a louca no macaco. Saiu aos gritos arrancando jubas postiças, rabos de algodão, orelhas de palha, peles de casca de bananeira. Um escândalo. O Rei rugia desesperado em seu enorme disfarce de elefante.
Depois que o macaco já tinha acabado com a festa, o jabuti chegou. A raposa, chorando, aponto para ele:
- Jabuti, foi você.
E o jabuti ria a bandeiras despregadas:
- Baile de carnaval sem macaco não é baile, comadre raposa. Agora vamos dançar, cada um com o rabo que tem, com as orelhas que tem, com as garras que tem. Nada de máscara, dona raposa. Isso fica bem em seu focinho de desocupada e intrigante.
O leão olhou muito sério para a raposa, que se encolheu toda e saiu muito jururu.
E o Rei decretou:
- O baile continuou, comandado pelo jabuti, que é tão vagaroso quanto sábio.
E continuou mesmo: a orquestra de doninhas alegrou a floresta até de manhã. No escuto, muito longe, todos viram o olhar fosforescente da raposa, roída de inveja, ouvindo a música e a cantoria da bicharada.
Desde então ela nunca mais se meteu com a vida do jabuti.

A BELA ADORMECIDA

Conto Popular – traduzido e adaptado por Monica Stahel

O reino estava em festa. Era o dia do batizado da filha do Rei e da Rainha. Diziam que ela era a princesinha mais linda do mundo...

Todas as fadas usaram suas varinhas mágicas para dar à criança qualidades maravilhosas...

- Você será bela, inteligente e cantará como um rouxinol.

Mas uma velha fada furiosa por não ter sido convidada para o banquete. Montou na sua vassoura, voou até o berço da princesa e gritou:

- Um dia você espetará a mão no fuso de uma roca e morrerá!

E a velha fada sumiu, deixando o Rei e a Rainha aos prantos.

- Não chorem, meu Rei e minha Rainha – disse uma fada boa. – Ainda não proferi meu desejo. Sua filha não morrerá. Ela apenas dormirá durante cem anos, e então um príncipe virá despertá-la com um beijo.

Mas o Rei, tentando evitar a desgraça, mandou queimar todos os fusos do reino.

Alguns anos depois, num aposento isolado do castelo, a bela princesa encontrou uma velha fiando lã.

- O que a senhora está fazendo? – perguntou a jovem.

- Estou fiando, linda menina.

- Que beleza! Posso tentar também?

E aconteceu o que tinha que de acontecer. A princesa espetou o dedo e caiu num sono profundo.

Cheio de tristeza, o Rei mandou levar a princesa para o quarto mais bonito do castelo. Vestiram a moça de cetim e deitaram-na entre lençóis bordados de ouro e prata.

Depois, o Rei mandou buscar a fada boa. Chegando ao castelo, a fada pensou: “Ora, quando a princesa acordar, daqui a cem anos, ela vai estar sozinha.”

Então, usando a varinha mágica, a fada adormeceu as governantas, os criados, os cozinheiros e todos os gatos, cachorros e cavalos do castelo. “Pronto”, ela pensou, “quando a princesa acordar, todos acordarão também, prontos para servi-la.”.

Finalmente, para ninguém perturbar aquele sono profundo, num instante a fada fez crescer em torno do castelo uma floresta de árvores, espinheiros e flores.

Cem anos depois, um belo príncipe que caçava na floresta avistou as torres do castelo. Intrigado, perguntou a um camponês:

- A quem pertence aquele castelo lá adiante?

- É o castelo da Bela Adormecida. Dizem que ela está dormindo há cem anos e que só o filho de um Rei conseguirá acordá-la.

- Vou livrá-la de seu sono! – disse o príncipe.

Ele se aproximou do palácio e ficou surpreso ao ver que as árvores e os espinheiros se afastavam para lhe dar passagem. Chegando ao pátio, viu os cavalos deitados nos estábulos e os cachorros adormecidos.

O silêncio era impressionante. O príncipe atravessou o castelo, subiu até os quartos e, num aposento dourado, deparou com um espetáculo maravilhoso: viu a princesa mais linda do mundo, adormecida.
Trêmulo, o príncipe aproximou-se dela e deu um beijo suave em seus lábios.
Depois de dormir cem anos, a princesa despertou.
- É você, meu príncipe? – perguntou ela. Quanto tempo me fez esperar!
E, enquanto eles conversavam, todos acordavam. Os cães saltaram, abanando a cauda, os cavalos se levantaram e os cozinheiros começaram a preparar um banquete em homenagem ao príncipe.
Depois do jantar, foi celebrado o casamento do Príncipe Encantado com a Bela Adormecida.

PERSÉFONE E A PRIMAVERA

Falavam os antigos gregos que, no começo dos tempos, não existiam as quatro estações do ano. Só a primavera e o verão. Naquele tempo, andava pelo mundo uma jovem belíssima chamada Perséfone.
Ela era filha de Deméter, a deusa do casamento e das colheitas. Um dia, Perséfone colhia flores e cantava, quando foi vista pelo deus do mundo subterrâneo, o terrível Hades.
Ele se apaixonou perdidamente pela jovem e a raptou, levando-a para seu mundo de escuridão.
Deméter, a mãe, ficou desesperada. Não se conformava com a perda da única filha.
Como ela era deusa das colheitas, sua tristeza e saudade fizeram os frutos das árvores secarem e as flores murcharem.
Famintos, os homens pediram a Zeus,o deus de todo o universo, que resolvesse aquela situação.
Zeus chamou seu filho Hermes, o mensageiro de todos os deuses, e lhe fez um pedido:

- “Hermes, quero que me ajude. Deméter exige que Perséfone volte. Diz que, se ela não voltar, todas as árvores morrerão. Mas Hades já se casou com ela. O que faremos?”

Hermes, o mais esperto dos deuses, desceu ao mundo subterrâneo de Hades, a terra secreta da noite e dos mistérios.
Lá encontrou Perséfone ao lado do marido.

- “Meu pai ordena que Perséfone volte para a casa de sua mãe, Hades. Você agiu incorretamente”.

- Por quê? Eu estava apaixonado, não conseguia viver sem Perséfone e, com o tempo,ela também aprendeu a me amar! Somos felizes agora.

- “Não se pode raptar uma jovem dessa forma. Deméter sente saudades da única filha. Você terá que me obedecer”.

- “É impossível devolver Perséfone à terra novamente. Como você sabe, o que entra no mundo das trevas não pode voltar para casa”.

- “Hades, então tenho uma proposta: Perséfone fica oito meses com a mãe e durante os quatro meses restantes ela fica com você. Certo?”

- “Está bem, Hermes, eu aceito”.

E foi assim que surgiram as estações do ano.

Quando Perséfone está com a mãe, temos a primavera e o verão; quando Perséfone está com Hades, temos o inverno e o outono, porque como Deméter é a deusa das colheitas, sua tristeza e saudade fazem as flores murcharem e os frutos secarem.

A ILHA DOS SENTIMENTOS

Era uma vez uma ilha, onde moravam todos os sentimentos: a Alegria, a Tristeza, a Sabedoria e todos os outros sentimentos. Por fim o amor. Mas, um dia, foi avisado aos moradores que aquela ilha iria afundar. Todos os sentimentos apressaram-se para sair da ilha.
Pegaram seus barcos e partiram. Mas o amor ficou, pois queria ficar mais um pouco com a ilha, antes que ela afundasse. Quando, por fim, estava quase se afogando, o Amor começou a pedir ajuda. Nesse momento estava passando a Riqueza, em um lindo barco.
O Amor disse:
- Riqueza, leve-me com você.
- Não posso. Há muito ouro e prata no meu barco. Não há lugar para você.
Ele pediu ajuda a Vaidade, que também vinha passando.
- Vaidade, por favor, me ajude.
- Não posso te ajudar, Amor, você esta todo molhado e poderia estragar meu barco novo.
Então, o amor pediu ajuda a Tristeza.
- Tristeza, leve-me com você.
- Ah! Amor, estou tão triste, que prefiro ir sozinha.
Também passou a Alegria, mas ela estava tão alegre que nem ouviu o amor chamá-la.
Já desesperado, o Amor começou a chorar. Foi quando ouviu uma voz chamar:
- Vem Amor, eu levo você!
Era um velhinho. O Amor ficou tão feliz que esqueceu-se de perguntar o nome do velhinho. Chegando do outro lado da praia, ele perguntou a Sabedoria.
- Sabedoria, quem era aquele velhinho que me trouxe aqui?
A Sabedoria respondeu:
- Era o TEMPO.
- O Tempo? Mas porque só o Tempo me trouxe?
- Porque só o Tempo é capaz de entender o "AMOR".

O LEÃO E O RATINHO

Um velho leão andava à procura de alimento. Por onde passava, os bichos, apavorados, fugiam para suas tocas, deixando livre o caminho. Porém, eis que, de repente, surgiu um pobre ratinho. O leão não perdeu tempo e, assim, estendendo a pata, alcançou o pobrezinho que corria pela mata.

- Vejam só, que sorte a minha! Abocanhei-te, seu moço. Tu não és lá muito grande, mas já serve para o almoço!

- Tenha piedade, senhor! Oh, solte-me, por favor! Do que lhe serve me matar! Eu sou tão pequenininho, que mal posso lhe matar a fome.

- Pensando bem, tens razão! Eu vou soltar-te, ratinho. O que ia fazer contigo? Segue em paz o teu passeio.

- Seu leão, este favor eu jamais esquecerei. Se puder, algum dia, ainda lhe pagarei.

- Ora! O que poderias fazer a meu favor, pobre amigo!

- Não sei, não sei, majestade, mas prometo-lhe, algum dia, hei de pagar-lhe.

E, assim, o ratinho correu e entrou em seu buraquinho. E o leão embrenhou-se na floresta. De repente, o pobre animal caiu na rede de um caçador. E a fera, debatendo-se de raiva e pavor, urrava!

Nesse instante, o ratinho, que de longe tudo ouvia, chegou perto do leão e disse:

- Não se aflija, meu amigo, aqui estou para salvá-lo. Fique tranqüilo e deixe-me roer a corda que o prendeu.

E o ratinho foi roendo, roendo insistentemente, até que a corda cedeu e se arrebentou finalmente.

- Pronto, estou livre afinal! Muito obrigado, ratinho. O que seria de mim sem tua ajuda, amiguinho!

E o ratinho, humildemente, estendeu sua patinha ao grande e velho leão!

- Amigo, não me agradeça e aprenda bem: não faça pouco dos fracos, confie neles também. Os pequenos amigos podem se revelar seus grandes aliados.

A PRINCESA E O SAPO

Certo dia, quando uma princesa brincava com sua bola de ouro,deixou-a cair dentro de um lago. Pensando que jamais conseguiria recuperá-la, a princesa se pôs a chorar.
- Não chore, bela princesa. Posso resgatar a sua bola, se você quiser – disse um sapo.
- Você faria isso por mim? – perguntou a princesa.
- Claro que sim. Mas, em troca, quero um beijo seu!
Desesperada, a princesa concordou. Em poucos segundos, o sapo mergulhou no lago, apanhou a bola e levou-a até os pés da jovem.
A princesa, toda feliz, pegou a sua bola e correu de volta para o castelo.
- Princesa, você precisa cumprir a sua palavra! – gritou o sapo.
Mas ela nem deu importância.
O sapo acreditava que uma promessa era dívida, então, passou a seguir a princesa por todos os lugares. No almoço, pedia um pouco da comida da princesa. Quando ela se deitava para dormir, o sapo queria compartilhar a sua cama.
A princesa não conseguia se livrar dele e dizia a si mesma:
- Que bicho insistente! Como poderei beijar um sapo feio e gosmento?
Percebendo que sua filha estava triste e abatida, o rei mandou que atirassem o sapo impertinente no lago. Antes que o pegassem, porém, o sapo disse, diante da corte:
- Oh, rei, estou apenas cobrando uma promessa.
- De que está falando, sapo? Seja breve! – esbravejou o rei.
- A princesa, sua filha, prometeu-me um beijo, caso eu conseguisse recuperar a sua bola de estimação, que caiu no fundo do lago. Entretanto, quando apanhei a bola, ela saiu correndo e não cumpriu a sua parte no trato.
O rei, que tinha um grande caráter, disse à sua filha que uma promessa real jamais deveria ser quebrada.
A jovem começou a chorar e, arrependida, falou ao sapo que cumpriria a sua palavra.
Delicadamente, a princesa tomou o sapo em suas mãos, fechou os olhos, criou coragem e finalmente o beijou.
Nesse momento, todos na corte ficaram espantados com a grande surpresa. Principalmente, a princesa! Diante dos olhos de todos, o sapo se tornou um belo príncipe de vestes muito nobres.
A princesa admirada, perguntou:
- Jovem príncipe, podes me explicar o ocorrido?
- Claro, minha bela e encantadora amiga.
Ele contou que havia sido transformado por uma bruxa, e que o feitiço só poderia ser quebrado com um beijo de uma princesa. Por esse motivo, fora tão insistente.

Depois desse dia, a vida dos dois mudou completamente. Os dois jovens ficaram apaixonados, casaram-se e realizaram uma festa que durou muitos dias!